



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Estação de Tratamento de Esgotos do Bairro Feitoria e de 600 unidades habitacionais para cinco bairros, com assinatura de contrato do programa Minha Casa, Minha Vida

São Leopoldo - RS, 05 de fevereiro de 2010

Bem, já são uma e meia. Me parece que, aqui, o nosso prefeito, não vai oferecer almoço para nós. Nós vamos ter que comer no avião, na volta para Brasília.

Eu quero, primeiro, cumprimentar o nosso querido prefeito Ary Vanazzi,
Quero cumprimentar os nossos queridos deputados federais, nossas deputadas,

Cumprimentar os nossos vereadores, secretários municipais,
Cumprimentar a Caixa Econômica Federal, através do seu vice-presidente, aqui, o Jorge Hereda,

O companheiro Olívio Dutra teve que ir embora antes, porque ele vai esperar a gente no Ceitec,

Cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministro Tarso Genro, Franklin e o companheiro Marcio.

Eu vou ser muito rápido por duas razões: primeiro, porque eu estou com fome. É verdade, eu estou com fome. Vocês viram esses dias que eu passei mal em Pernambuco, a gente não tinha almoçado e era meia noite e a gente não tinha jantado ainda. Então nós precisamos nos cuidar. O Prefeito não pensou em oferecer um almoço para nós. O Prefeito é muito bom de discurso. Veio aqui, falou, falou, falou, falou, falou e eu esperando ele dizer qual é a hora que a gente ia almoçar e ele não falou. Então eu vou ser muito breve, apenas para dizer para vocês o seguinte: essa obra que nós viemos aqui inaugurar



ainda muita gente não dá valor, muita gente não dá valor. Tem muita gente que ainda pensa: “Por que gastar dinheiro fazendo tratamento de esgoto, dos dejetos que nós mesmos colocamos para fora?”. E, durante décadas e décadas, o Brasil não se preocupou com isso. E aí a gente percebia que a nossa água não tinha boa qualidade, as nossas crianças ficavam mais doentes porque muitas vezes o esgoto e os dejetos estavam na rua para as crianças pisarem, e somente agora é que nós estamos tendo a responsabilidade, no Brasil inteiro, de fazer a coleta, fazer o tratamento e jogar a água outra vez no rio, totalmente purificada, para que ela não possa causar mal a ninguém mais. E isso custa dinheiro, isso custa muito dinheiro. E se alguém perguntar para qualquer pessoa de São Leopoldo se ela gostaria que fizesse uma estação de tratamento de esgoto ou uma avenida, as pessoas iriam preferir a avenida, porque é mais natural que seja assim. Mas quando um prefeito tem responsabilidade e quando as pessoas que estão governando têm responsabilidade, muitas vezes, é melhor fazer uma obra dessas escondida, que a imprensa nunca vai ver, que não vai dar para colocar o nome da mãe do prefeito aí: “Estação de Tratamento de Esgoto Mãe do Prefeito”, ele não vai querer colocar o nome da mãe dele, o nome da avó, muito menos vai querer colocar o nome da minha mãe aí, então não vai ter nome de ninguém. Porque é uma obra que é tratamento de esgoto, mas é uma obra essencial para o povo de São Leopoldo se orgulhar de que mora em uma cidade do Rio Grande do Sul, que é a cidade que tem a maior quantidade de tratamento de esgoto de todo o estado do Rio Grande do Sul. E ainda é pouco, ainda é pouco.

A segunda coisa importante é que... Hoje eu vim sobrevoando de helicóptero, porque nós íamos ver muitas obras que nós já demos dinheiro, já demos ordem de serviço, e entre a gente colocar dinheiro e dar a ordem de serviço, muitas vezes as obras não acontecem com a rapidez que a gente deseja. Vamos pegar, por exemplo, aquela grande favela que nós temos que tirar ali do aeroporto, a Vila Dique. Ora, nós já estamos desde 2007, desde



2007, com o dinheiro disponibilizado para remover todos aqueles companheiros de lá e para ir para outra casa que nós já compramos o terreno e, portanto, é só fazer as casas. Mas sempre aparece um problema, ora na justiça, ora problema do terreno, ora problema com a empreiteira que está fazendo a obra, que quer reajustar o contrato com a prefeitura antes de começar a fazer a obra. E uma coisa que já era para a gente ter inaugurado no ano passado, a gente não vai inaugurar nem neste ano ainda, porque não vai ficar pronta. Porque no Brasil é assim: para fazer tem um, para não deixar fazer tem mil, e para destruir tem 10 mil. No Brasil é assim.

Bem, acontece, meu caro senador Paim, que nós aprendemos a fazer. E aprendemos a fazer graças a três pessoas substanciais no nosso governo, três mulheres: a ministra Dilma Rousseff, a Míriam Belchior e a Iranice [Erenice], que é a secretária-executiva lá da Dilma. Ou seja, três mulheres que trabalham até duas, três horas da manhã, que brigam todo santo dia com os outros ministros, que brigam com os outros secretários, que cobram o cumprimento das metas, que vão ao Tribunal de Contas brigar com o Tribunal de Contas, que vão ao Poder Judiciário brigar com o Poder Judiciário, que vão no Congresso Nacional, falar com a Câmara e com o Senado quando tem algum problema de atraso de obra. E essas obras começaram a sair graças à perseverança dessas mulheres.

Veja que engraçado: Eu vim aqui – e é importante a imprensa registrar – eu vim aqui, faz algum tempo, dar ordem de serviço na estrada do PAC. Ora, quando a gente vem dar ordem de serviço, a gente entende que deu a ordem de serviço, acabou o ato público, o Presidente fez o discurso, a máquina tem que começar a trabalhar. Não é isso? Porque, senão... Eu lembro, Dilma, que o Fernando Henrique Cardoso, em 2002, ele veio dar ordem de serviço na BR-101, lá em Osório. E depois – dois anos depois – eu fui lá, me devolveram a ordem de serviço que ele entregou para o trabalhador, e eu dei outra ordem de serviço para a obra começar.



Aqui, o que está acontecendo? Quando a obra era para começar, nós começamos a ter problema nas desapropriações. E vai criando problema. E cada problema demora três meses, quatro meses. Agora mesmo, o companheiro da Caixa me contou uma história... Está aí o... não, não é o Hereda não, é o companheiro daqui do Rio Grande do Sul. Ele me contou uma história que, na Vila Dique, a empresa que vai fazer as casas agora resolveu pedir um aumento. Antes de fazer as casas, resolveu pedir um aumento. Um aumento de 6 milhões, não sei a quantia. E essa brincadeira, de pedir um aumento antes de chegar a hora de pedir um aumento, está atrasando as casas em seis meses. Então, atrasa seis meses em um ano, mais seis meses no outro ano, e uma coisa que era para a gente inaugurar no ano passado, a gente não está inaugurando. Não falta dinheiro, não falta projeto, não falta gente querendo fazer e gente querendo trabalhar, mas sempre aparece um empecilho para as coisas não acontecerem.

É por isso que a turma, muitas vezes, se queixa: “Mas o Lula viaja demais!”, “a Dilma viaja demais!”. Obra de governo, é que nem a gente aprendeu de criança: quem engorda o porco é o olho do dono. Se a gente não estiver ali, atrás da obra, sabendo o que aconteceu, quem é que está atrapalhando, quem é que não quer, uma obra que era para fazer em um ano, demora dez anos. Por isso que este país ganhou o nome de “país das obras não concluídas”. Porque, durante muito tempo, as obras não eram concluídas. Graças à coordenação da companheira Dilma, a gente está conseguindo reverter esse quadro, e transformando o Brasil em um país de obras concluídas.

Por último, eu queria dizer a vocês aqui, de São Leopoldo... Eu não sei se aqui tem escola técnica, Prefeito, mas é com muito orgulho que eu estou percebendo, Tarso, que aqui, no estado do Rio Grande do Sul, nós temos, só do ProUni, que foi um programa criado quando o Tarso era ministro da Educação. Foi a primeira vez que um governo tomou uma atitude de colocar o



pobre na universidade. Só aqui, em Porto Alegre, são 43 mil jovens beneficiados, de 2005 a 2009, só no Rio Grande do Sul. No Brasil inteiro, são 596 mil jovens. Mas, só aqui, são quase 50 mil jovens na universidade - gente que fez escola pública, gente que estudou na periferia, gente que não tinha possibilidade de pagar uma escola particular - vão receber o seu diploma de doutor e vão poder ser tratados com mais dignidade, neste país.

Mas não é apenas isso. Também quando o Tarso era ministro da Educação, eu vim aqui, fui lá, acho que em Bagé, anunciar a Unipampa, a Universidade Federal do Pampa. Pois bem, essa universidade, ela tem, junto com ela, 16 novos campi, ou seja, portanto são, além da universidade, vai ter 16 extensões universitárias em outras cidades para permitir que as pessoas do interior possam estudar na sua cidade, sem precisar vir para Porto Alegre brigar por uma vaga na universidade federal. É isso que vai ajudar a mudar a cara deste país.

Agora, veja, Tarso, a contradição do Brasil, e eu digo isso, Paim, porque você, como peão metalúrgico, precisa se orgulhar disso: eu sou o único presidente da República do Brasil que não teve diploma universitário. E vou ser, até agora, o presidente da República que mais fez universidades, que mais fez escolas técnicas e que mais fez creches neste país.

O que é importante nisso? É que, quem vier depois, tem um novo paradigma, já não é mais aquele paradigma que o governo anterior não fez nenhuma universidade. Nós fizemos, no Brasil... nós já temos 13 em construção e agora falta só o Congresso aprovar a Universidade Brasil-África, que é uma universidade que a gente vai fazer na cidade de Redenção, no Ceará, metade dos alunos será de países africanos de língua portuguesa e metade será brasileiros. E essa universidade afro-brasileira é parte do pagamento da dívida histórica que este país tem com o povo negro que ajudou a construir a nossa gente, a nossa cor e a nossa alegria.

Por isso, meus companheiros e companheiras, a gente tem que viajar o



Brasil, e viajar muito. A companheira Dilma, agora, quando chegar em abril, ela tem que se afastar do governo porque ela vai fazer outras tarefas, e eu vou continuar viajando o Brasil. E por que eu vou continuar viajando o Brasil? A Dilma falou: “Até o final deste ano, nós temos R\$ 28 bilhões de investimento no PAC do Rio Grande do Sul. Só em estradas, são R\$ 4 bilhões”. Se a gente não vem visitar, vocês pensam que quem governa a cidade ou o estado coloca que é obra do governo federal? Não. Eles passam como se fosse deles.

Então, veja, nós queremos que o povo saiba. Se o prefeito colocou R\$ 10,00, o povo tem que saber que ele colocou R\$ 10,00; se o prefeito colocou R\$ 100,00, o povo tem que saber que ele colocou R\$ 100,00; se o governo do estado colocou R\$ 10,00, o povo tem que saber; mas se o governo federal colocou R\$ 10,00, o povo também tem que saber. Porque eu chego em muitas cidades, vou em obra financiada totalmente pelo governo federal, não tem uma placa do governo federal.

Então, esse negócio do dono do porco engordar o porco, a gente tem que estar acompanhando. E nós vamos acompanhar, porque tem muita coisa aqui, no Rio Grande do Sul, tem muita coisa. Os deputados precisam saber para fazer o debate na Câmara, os senadores precisam saber para fazer o debate. Porque eu não tenho dúvida nenhuma, gente, eu não tenho dúvida nenhuma: se pegar os últimos 30 anos, pode pegar os últimos 30 anos, Dilma, que eu duvido que tenha um governo federal que tenha colocado a quantidade de dinheiro que o nosso governo está colocando no estado do Rio Grande do Sul. Eu duvido.

Eu, de vez em quando, fico olhando para a cara do Olívio Dutra, e eu sei o quanto este homem é bom e eu sei o quanto este homem sofreu para governar este estado, sem dinheiro, e não tinha um centavo do governo federal, um centavo ele não tinha para fazer nada aqui. Eu fico imaginando se o Olívio Dutra estivesse governando comigo na Presidência, para ver o que não tinha acontecido neste estado, com o companheiro Olívio Dutra.



E nós vamos continuar assim. Nós não deixaremos de dar um centavo para o Rio Grande do Sul ou para qualquer cidade porque o prefeito não é nosso ou o governador é de outro partido político. Nós não deixaremos de dar um centavo, pode ser do DEM, pode ser do PSB, pode ser do PMDB, do PT, do PTB, o que nós queremos é que esse povo melhore de vida, e para ele melhorar de vida não pode ter mesquinha entre os governantes do nosso país.

Por isso, companheiros, companheiras e meu querido prefeito, eu quero te dar os parabéns porque a gente percebe que a cidade já era bonita, está ficando mais bonita. E vou dizer para os prefeitos que estão aqui, eu digo publicamente: a gente nunca tem dinheiro sobrando, a gente nunca tem dinheiro sobrando, mas se um prefeito aparecer em Brasília com um bom projeto, eu duvido que falte dinheiro para o bom projeto do prefeito, eu duvido. Agora, muitas vezes, as pessoas fazem um discurso de uma obra por conta das eleições, mas não têm nenhum projeto. E, aí, nem a Caixa Econômica, nem o governo federal podem dar dinheiro, se não tiver projeto.

Então, os prefeitos que estão aqui, quem tiver projeto pode tratar de começar a procurar a Casa Civil, o Ministério das Cidades, porque nós vamos anunciar o PAC 2, vamos anunciar o PAC 2 até o dia 26 de março. Então, quem tiver projeto para a sua cidade, comece a apresentar, porque no Brasil não vai faltar mais dinheiro para investir na melhoria da qualidade de vida desse povo e na melhoria da geração de emprego neste país.

Portanto, companheiros e companheiras, um grande abraço. Eu estou sentindo um cheiro de... tem algum lugar aí, alguém está assando um churrasco aí. E eu estou sentindo que está queimando a gordurinha da picanha. Vocês não estão sentindo aí, não? É alguém que ouviu eu falar que estou com fome... Bem, de qualquer forma, se nós não vamos comer a gordurinha, pelo menos o cheiro já mata a metade da nossa fome.

Um grande abraço, gente. Parabéns a quem recebeu as casas. E até



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

outro dia. Parabéns, Prefeito.

(\$211A)